

**“VOU AVISAR AOS CACHORROS DA RUA QUE A MINHA FERIDA  
CRUA É MELHOR NÃO LAMBER”: NARRATIVAS DE JOVENS  
NEGROS GAYS COMO (RE)EXISTÊNCIA À NORMATIVIDADE DAS  
RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA BÁSICA**

Gabriel Araújo Barbosa <sup>1</sup>  
Fabrício Oliveira da Silva <sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A escola, frequentemente concebida como espaço de formação, opera, muitas vezes, como campo de disciplinaridade e exclusão, vigiando e ridicularizando corpos desviantes. Essa compreensão não é apenas teórica, mas profundamente vivida, já que o corpo do pesquisador – "um viado, cis, negro" – carrega as marcas dessa tentativa de domesticação (Barbosa, 2025). A recusa em silenciar é, portanto, um gesto de resistência e (re)existência diária. O ambiente escolar, longe de ser um espaço neutro, opera como um dos principais dispositivos de manutenção das normatividades de gênero, raça e sexualidade. Ele atua como uma "máquina de produção de sujeitos" (Foucault, 1992), disciplinando e vigiando corpos desviantes. Casos de violência e exclusão cotidiana demonstram que as normatividades se instalaram nas práticas curriculares e pedagógicas (Louro, 1997; 2004), tornando o ambiente escolar um espaço de estranhamento e busca incessante pela neutralização das identidades que fogem à norma.

A urgência desta pesquisa reside justamente em expor como essa dinâmica se manifesta de forma mais aguda e letal na vida de jovens negros gays, cujas identidades são lidas de forma antecipada pelo racismo e pela homofobia. Nesse contexto, a investigação se aprofunda exatamente para entender como as experiências de jovens negros gays, narradas a partir de seus percursos escolares, conseguem tensionar e desestabilizar as normatividades de raça, gênero e sexualidade que (des)estruturam a escola básica. Busca-se, com isso, compreender de maneira viva e imediata como se configuraram essas masculinidades negras gays diante das relações de poder que modelam e policiam o corpo, o desejo e a subjetividade de cada um deles.

Para dar sustentação a essa análise, a metodologia adotada possui abordagem qualitativa e se compromete com uma ética da escuta e uma epistemologia da carne, priorizando a compreensão aprofundada das subjetividades. O trabalho empírico será desenvolvido com a

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), [g\\_araujo10@outlook.com](mailto:g_araujo10@outlook.com). Projeto de Pesquisa em desenvolvimento, com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), [fosilva@uefs.br](mailto:fosilva@uefs.br).

aplicação da Entrevista Narrativa, para acessar o percurso biográfico dos participantes, e da Roda de Conversa, como dispositivo de diálogo e aprofundamento das experiências.

## METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A compreensão das experiências de jovens negros gays exige uma postura metodológica que rompa com a rigidez e a assepsia dos modelos tradicionais. Se a vida desses jovens é uma travessia marcada por encruzilhadas, nossa pesquisa deve seguir esse mesmo caminho: não buscamos uma linha reta, mas sim trilhas que se bifurcam, se afetam e se fazem no encontro. A metodologia aqui não é apenas técnica; é um gesto, uma ética e uma política, ancorada em uma epistemologia da carne. Escutar, é deixar-se atravessar e sustentar o gesto de pesquisar como um ato de deslocamento e de escuta radical dos modos de viver que insistem em existir mesmo sob o peso da norma.

Esta pesquisa assume uma abordagem qualitativa (Minayo, 2001), compreendida como um modo de investigação profundamente comprometido com a complexidade e a subjetividade dos fenômenos sociais. Interessa-nos aquilo que escapa às estatísticas: os silêncios, os afetos, as dores e as potências que constituem as experiências desses jovens. O campo metodológico será construído a partir de dois dispositivos centrais, que juntos permitirão uma escuta atenta e multidimensional das experiências escolares: a entrevista narrativa e a roda de conversa.

A entrevista narrativa será o ponto de partida para aprofundar o diálogo com os jovens. Compreendida como uma prática dialógica (Jovchelovitch & Bauer, 2002), a técnica permitirá que o participante seja convidado a narrar sua trajetória a partir de marcos significativos de sua vida escolar, respeitando seu ritmo e os sentidos que atribui à sua história. Sua natureza favorecerá a coleta de detalhes que revelam a realidade histórico-empírica e a totalização subjetiva das vivências (Bertaux, 2010).

Como segundo dispositivo, serão realizadas as rodas de conversa, que promovem a interação horizontal e o diálogo coletivo (Warschauer, 2002). A roda de conversa será um espaço de troca focada em tópicos específicos, onde os participantes serão incentivados a emitirem opiniões e a confrontarem as experiências. Serão utilizados disparadores temáticos previamente definidos, convocando memórias e reflexões. A proposta é que as rodas aconteçam em diversos momentos, reduzidas ao mínimo de 3 (três) encontros, servindo como um espaço de produção de dados e de valorização das experiências dos sujeitos (André, 2008). A gravação

e transcrição dos encontros será realizada mediante a autorização expressa dos estudantes colaboradores, garantindo a ética e a transparência do processo.

O lócus da pesquisa será uma escola pública estadual de ensino integral localizada no município de Feira de Santana, Bahia. Os encontros ocorrerão com estudantes matriculados nas turmas do 2º ano do Ensino Médio – um segmento crucial marcado por intensas transformações subjetivas. É importante sublinhar que todos os procedimentos de coleta de dados serão realizados no futuro, após a devida aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP-UEFS), o que assegurará o respeito à dignidade e ao direito dos participantes.

Para a compreensão das narrativas que serão colhidas, utilizaremos a análise interpretativa-compreensiva proposta por Paul Ricoeur (1996) e a Escrevivência de Conceição Evaristo enquanto metodologia de análise e de escrita. A abordagem de Ricoeur permitirá a passagem do "dito" (a fala encarnada do jovem) ao "dizer" (o sentido profundo da experiência), buscando a decifração dos símbolos, metáforas e conflitos presentes nos relatos. Essa análise será inseparável da Escrevivência, que será utilizada como um método de posicionamento ético, impondo que a análise não seja distante, mas atravessada pela vida e pela memória coletiva, assumindo a subjetividade como fonte legítima de conhecimento. Buscaremos, assim, trançar a hermenêutica da interpretação de Ricoeur com o compromisso político da Escrevivência, garantindo que o conhecimento produzido honre as vozes e as resistências dos jovens negros gays na escola básica.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência de vida e, crucialmente, a experiência escolar de jovens negros gays manifesta-se em uma encruzilhada de sistemas de opressão que se interconectam e se reforçam mutuamente. Não estamos falando de um somatório simples de identidades, mas da imbricação política e estrutural da violência. Para dar conta dessa complexidade, o referencial teórico se articula em torno da interseccionalidade, uma ferramenta analítica indispensável para desnaturalizar as violências sofridas.

A Interseccionalidade, cunhada por Kimberlé Crenshaw (1989), transcende o entendimento de que ser negro, gay e afeminado são categorias separadas. Ela exige a compreensão de que os sistemas estruturais de dominação (racismo, patriarcado e cisheteronormatividade) se cruzam para forjar vulnerabilidades absolutamente singulares. Essa abordagem é crucial, pois ela expõe que as violências na escola não são acidentais; são, ao

contrário, o produto de uma matriz de exclusão intencional. No contexto escolar, essa matriz se traduz na vigilância constante e na docilização dos corpos que ousam não aderir à masculinidade hegemônica branca e heterossexual.

Sueli Carneiro (2005), por sua vez, aprofunda a crítica ao conceituar o etnocentrismo masculino branco, que elege a masculinidade branca como o único parâmetro universal de humanidade. Analisar as narrativas dos jovens é, portanto, expor como essa norma etnocêntrica se impõe no currículo e nas interações. O feminismo negro, ao colocar a raça no centro do debate, não apenas legitima, mas valoriza a experiência do jovem negro gay como um local inesgotável de saber e resistência.

Neste sentido, a disputa mais intensa na escola reside na performance de gênero. A instituição, sendo uma máquina de produção de sujeitos, exerce um policiamento incessante sobre o que é uma masculinidade aceitável. Louro (2004), ao discutir o corpo estranho e as pedagogias da sexualidade, elucida que o currículo não é um espelho passivo; ele produzativamente as concepções de gênero, estabelecendo o binarismo heteronormativo como regra compulsória. É aqui que a performance de uma masculinidade afeminada é imediatamente marcada como desvio, patologia ou objeto de escárnio (Miskolci, 2010).

A crítica se volta, com urgência, para o currículo como tecnologia de poder, e não como mera grade de disciplinas. Rios & Dias (2020, p. 10) são categóricos ao destacarem que o currículo é um lugar privilegiado, uma vez que se configura enquanto espaço reflexivo, onde são pensados os saberes e teorias a serem apreendidos durante a formação do sujeito.

Neste contexto, os autores apontam ainda que, nessa perspectiva, "o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero" (Rios & Dias, 2020, p. 10 apud Silva, 2010, p. 97), o que pressupõe dizer que problematizar as temáticas relacionadas as questões de gênero e suas intersecções favorece o reconhecimento acerca das mesmas no contexto escolar [...]. Com isso, os autores destacam que é essa postura normativa que transforma as diferenças de gênero, orientação sexual, étnica, geracional e tem sido tomada enquanto objeto de "rechaça e estranhamento" nas instituições de ensino.

O silêncio institucional, portanto, não é neutro; ele é a manifestação da heteronormatividade que estigmatiza identidades diversas. Judith Butler (2018), ao discutir a performatividade de gênero, nos ensina que o gênero é uma repetição estilizada de atos. O corpo do jovem negro gay, ao se recusar a aderir à masculinidade hegemônica (que Adichie, 2008, critica por prescrever, e não reconhecer quem somos), rompe essa repetição. Colling (2015) valoriza esse gesto, chamando a atenção para a necessidade de desnaturalizar a hegemonia

masculina. As performances afeminadas são, assim, modos legítimos de existir, e não desvios a serem corrigidos pela pedagogia do corpo invisível da escola. O currículo, por suas omissões e regulações, opera como um campo de batalha, mas também como um lugar onde as narrativas dos jovens abrem fissuras para a (re)existência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A tessitura deste resumo demonstra que a questão da vivência de jovens negros gays na escola transcende a discussão sobre diversidade ou inclusão: trata-se de um debate sobre quem tem permissão para existir e qual preço é cobrado pela divergência da norma. A interseccionalidade não é apenas uma ferramenta analítica, mas a própria descrição da realidade onde a raça negra e a masculinidade afeminada se encontram no fogo cruzado das normatividades, transformando o currículo em um artefato que nega a subjetividade. O compromisso do estudo reside, precisamente, em confrontar essa arquitetura da exclusão.

Ao projetarmos a entrada no campo, assumimos a urgência de dar visibilidade às Estratégias de (Re)existência que serão reveladas. Esperamos que as narrativas colhidas forneçam as chaves para desnaturalizar as práticas pedagógicas e para exigir uma formação docente que consiga, finalmente, acolher a vida em sua pluralidade. O trabalho não se encerra em uma conclusão acadêmica; ele se lança como um convite perene à luta, afirmando que a palavra insistente desses jovens é o caminho inadiável para a construção de uma educação mais justa e humana.

O legado esperado deste trabalho não se limita aos anais acadêmicos. Ele reside na capacidade de as histórias desses jovens reverberarem na formação docente, exigindo a desnaturalização das práticas heteronormativas e a incorporação de um olhar antirracista e *queer* na sala de aula. É nosso firme propósito que a complexidade e a beleza dessas subjetividades se tornem um insumo crítico para a reforma curricular. Finalizamos esta discussão com a certeza de que a palavra desses jovens, aquela que sangra e que insiste, poderá ser a única capaz de construir uma educação onde a vida plena e diversa de todos tenha, finalmente, permissão para existir.

**Palavras Chaves:** Jovens negros gays, Masculinidades Afeminadas, Educação Básica.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar.** 18. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BARBOSA, Gabriel Araújo. **Pedagogias do corpo invisível.** Feira de Santana, 2025. Narrativa pessoal incluída como parte da escrita da Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2025. Documento não publicado.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. São Paulo: Paulus, 2010.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser:** o mesmo e o outro na formação do pensamento ocidental. São Paulo: Pallas, 2005.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal:** tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex.** University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90–113.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação:** masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2010.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

RIOS, Pedro Paulo Souza; DIAS, Alfrancio Ferreira. **Curriculum, diversidade sexual e de gênero:** tecendo reflexões sobre a formação docente. Research, Society and Development, v. 9, n. 10, e1999107573, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WARSCHAUER, Cecília. **Roda e conversa:** um caminho para a inclusão. São Paulo: Paz e Terra, 2002.